

The image shows a grand, ornate hotel lobby. The ceiling is a large, circular stained glass skylight with intricate patterns. The walls are decorated with red damask wallpaper and white columns. The floor is polished and features a large, decorative tile pattern in the foreground. The lobby is furnished with comfortable seating, including sofas and armchairs, and is lit by several lamps with red shades. A central fountain or decorative structure is visible in the background.

HOTEL AVENIDA PALACE

1892

A NOSSA
HISTÓRIA

HOTEL AVENIDA PALACE – HISTÓRIA

Quando o arquitecto José Luís Monteiro recebeu a encomenda da Estação Central de Lisboa, ao Rossio, a *Real Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses* solicitou-lhe um projecto de edifício anexo para os serviços administrativos, que deveria integrar um restaurante de luxo, no 1º andar. O restaurante seria um dos mais concorridos da cidade dada a sua situação e a panorâmica que oferecia.

A Estação do Rossio teve a cerimónia de inauguração em 1890, quando Mestre Monteiro já abraçava o projecto do anexo, cuja construção seria supervisionada por David Cohen, um dos nomes ilustres da engenharia portuguesa. No entanto, o tráfego ferroviário, com terminal no centro da cidade, intensificara-se com a inauguração das linhas do Sul e do Oeste e impunha novos recursos hoteleiros. A *Waggon Lits*, companhia ligada à exploração ferroviária, apresentou à *Real Companhia* uma proposta para que o novo edifício fosse aproveitado para um grande hotel de estação, semelhante aos *Palaces* de outras capitais europeias. A exploração ficaria a seu cargo, tal como o direito de preferência, em caso de venda.

O projecto inicial foi alterado e o arquitecto pôde, finalmente, dedicar-se à construção da nova unidade hoteleira sem os condicionamentos estilísticos que lhe tinham imposto para a Estação do Rossio. Em vez de um novo edifício de linguagem neo-manuelina, que tanto polémica suscitou, surge uma construção de estilo *boulevardier* do Segundo Império, composição classizante influenciada pela arquitectura francesa tão ao gosto *beaux-arts* de José Luís Monteiro, traquejado nas construções de Paris. A fachada principal, por exemplo, apresenta um janelão que não deixa de evocar a arquitectura do ferro da Gare du Nord, em Paris. Nada é deixado ao acaso. A praça D. Pedro IV, junto ao hotel, foi ornamentada em 1889 com duas fontes de bronze fabricadas em França.

O objectivo é conseguir um hotel de luxo digno da melhor aristocracia europeia e da burguesia endinheirada de todo o mundo. Porque o Rossio se tornara já o ponto de encontro dos proeminentes e o centro político do país (o *Café Martinho*, das tertúlias políticas e literárias, ficava mesmo em frente).

Lisboa vivia nesse momento um período conturbado. O ultimato feito pela Grã-Bretanha (na sequência da pretensão lusa de ligar Angola a Moçambique) tinha gerado uma onda de revolta contra D. Carlos. Entretanto, a cidade crescia. Com a afluência de grandes expressos europeus, transforma-se lentamente numa capital cosmopolita onde desembarcam personagens ilustres, habituadas ao luxo dos novos hotéis parisienses.

Lisboa não se deixou ultrapassar. No dia 10 de Outubro de 1892, o *Grande Hotel Internacional* foi inaugurado, com pompa e circunstância, sob a direcção de Edmundo Eloy. O projecto original (com menos um piso) estabelecia uma interessante ligação

directa entre a estação e a Praça dos Restauradores, através de uma galeria interior, retirada mais tarde. A vista era mágica: A Norte, a Avenida imensa, baptizada com o nome de Liberdade, seis anos antes, por altura do casamento do príncipe D. Carlos com D. Amélia de Orleans; a Sul, o Tejo e Baixa Pombalina; a Este o velho casario do castelo a impor-se no recorte de uma colina.

A decoração interior era requintada, estilo *Belle Époque*. Os tapetes, reposteiros e estofos das otomanas eram do mais distinto no mercado de qualidade. A mobília foi adquirida directamente da casa *Maple*, um dos armazéns mais elegantes de Londres. Os quartos primavam, quase todos, pelo forro de seda ou papel de couro. As paredes da sala de jantar estavam revestidas por um veludo de ramagens, interrompido por um lambri em madeira de carvalho. Todos os quartos dispunham de aparelhos de aquecimento e ventilação e, em quase todos, havia já uma casa de banho. Os hóspedes tinham à disposição um elevador hidráulico para se deslocarem de piso e a cozinha do Hotel era reconhecida como uma das melhores de Lisboa.

Em 1893, o *Grande Hotel Internacional* passa a chamar-se *Avenida Palace*, tal como os seus congéneres europeus. Os *Palaces* simbolizavam o esplendor da corte, numa época em que a aristocracia de berço começava a ser ultrapassada pelo dinheiro da burguesia. O prazer da viagem, até ali circunscrito a razões diplomáticas, políticas ou comerciais, tinha feito moda entre as classes mais abastadas, favorecendo a procura de hotéis onde se vivesse um luxo palaciano.

O *Palace* recriava o fausto de Versailles, oferecendo o deslumbramento de rivalizar com os hotéis de Paris ou Roma. Digno de príncipes, albergou membros da realeza europeia. D. Miguel de Bragança, príncipe de Portugal, terá sido um deles, desafiando a lei decretada por D. Maria II, em 1834, que proibia a D. Miguel I e aos seus descendentes a entrada em Portugal, sob pena de morte em processo sumário. Segundo relatos da época, o príncipe D. Miguel II desembarcou na Estação do Rossio, no dia 23 de Janeiro de 1901, acompanhado por um secretário, “dois rapazes elegantemente vestidos” e criados trajados como “chasseurs” das casas nobres alemãs. O príncipe proscrito e os acompanhantes ficaram instalados no *Avenida Palace* com nomes supostos. D. Miguel registou-se com o nome de conde de Mutzgen. Identificados por alguns nobres, foram alvo de manifestações de júbilo pela parte dos miguelistas. A passagem de um príncipe português pelo *Avenida Palace* trouxe uma nova auréola de romantismo ao hotel do Rossio, atraindo clientes entre a burguesia brasileira abastada e a aristocracia europeia, que procurava uma capital de temperatura amena.

E o hotel não lhes iludia as expectativas. Uma orquestra privativa inundava os salões de música durante os célebres bailes de sábado e, enquanto os pares desafiavam amores, espiões de várias proveniências “espreitavam” conspirações. Um Serviço Especial de Noite, marcado por uma requintada cozinha francesa, “à la carte”, entretinha as horas e “temperava” as emoções mais aguerridas. Os aromas das essências de Paris deixavam no ar um travo adocicado de uma monarquia decadente.

Quando a monarquia caiu, em Outubro de 1910, o corpo diplomático teve no *Palace* uma varanda privilegiada para assistir ao desenrolar dos acontecimentos: a metralha e as granadas voavam entre a Rotunda, onde acampavam as hostes revolucionárias, e o Rossio, onde bivacavam as tropas realistas, que tinham o seu Estado Maior no Palácio da Independência, a S. Domingos. Inevitavelmente, o Hotel acabaria por ser atingido.

Maugrado a mudança, o local mantinha a sua atracção sobre as elites. Em finais de 1917, no ano em que a Rússia vivia momentos dramáticos, Lisboa recebia, no *Palace*, a *Companhia dos Ballets Russes* dirigida pelo famoso Serge Diaguilew. Almada Negreiros foi ao hotel cumprimentar a Companhia e dedicou-lhe um manifesto.

Entretanto, o próprio Presidente Sidónio Pais frequentou durante algum tempo o *Palace* e acabou por cair ferido de morte, quase nos seus braços, em 14 de Dezembro de 1918, na gare do Rossio, ao ser alvejado quando se dirigia ao Hotel. Não se sabe se alguma vez terá utilizado a porta “discreta” do 4º piso, que estabelecia a ligação entre o Hotel e a gare da Estação do Rossio. Naturalmente, pouco se sabe sobre quem utilizou esse “caminho secreto” das personalidades que queriam guardar o anonimato, talvez acesso a paixões proibidas, mas foi utilizado várias vezes. Anos mais tarde, Salazar usou-a. Segundo memórias de um antigo empregado, já falecido, o antigo Presidente do Conselho de Ministros terá visitado o Hotel para cumprimentar Biachi (representante da Jugoslávia em Portugal), alojado no quarto 405, utilizando para o efeito a “porta” do 4º piso, habitualmente trancada.

Reconhecido pela nobreza, preferido pelos diplomatas e agentes secretos de vários cantos do mundo, o hotel era também um veículo de conhecimentos e contactos, um cartão de visita recomendado. Alves Reis sabia-o e não terá sido por acaso que o escolheu, como residência temporária, enquanto se aprontava a sumptuosa residência que adquirira no Príncipe Real. Segundo reza a história, o célebre falsário e burlão, a abarrotar de notas de quinhentos escudos de emissão irregular, trocou o menos elegante *Hotel Metropole*, no Rossio, pelo *Avenida Palace*, onde viveu algum tempo em 1925. Manuel Teixeira Gomes utilizou-o nas vindas a Lisboa, antes de entrar na vida diplomática, tendo feito, várias vezes, referências ao hotel nos seus livros.

Em 1937, o Imperador Hirohito do Japão escolheu o hotel do Rossio para passar a lua-de-mel. Nessa mesma década, um grupo de intelectuais estrangeiros assentou arraiais no *Palace*, a convite de António Ferro. Eram eles Jules Romain, François Mauriac, Jacques Maritan, Miguel Unamuno e Wenceslau Fernandez Flores. Durante a guerra civil de Espanha, o *Palace* encheu-se de refugiados e foi campo de manobra de agentes secretos. Pouco depois, durante a Segunda Guerra Mundial, espões e conspiradores da Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos cruzaram-se no hotel e jogaram ali os destinos do mundo, em momentos cruciais. A classe política, aliás, parece ter tido sempre assento no *Palace*, com alguns ministros de Salazar a frequentarem o hotel com assiduidade. O cardeal Mitsensky também lá pernoitou. Mais tarde, também Miterrand aqui ficaria instalado, sempre que vinha a Portugal.

Nos anos 50 a alta finança portuguesa manteve-se fiel ao hotel. Cupertino de Miranda escolhia-o quando necessitava de dormir na capital e os Espírito Santo frequentavam-no com alguma frequência. Os artistas deixaram menos referências, mas deram-lhe imortalidade. Nureyev, Guilhermina Suggia e Amália Rodrigues assinalaram-no definitivamente.

Na segunda metade do séc. XX, Lisboa não acompanhou a evolução de outras capitais europeias. O serviço ferroviário não evoluiu e a Estação de Santa Apolónia havia algum tempo que passara a receber o tráfego ferroviário internacional, abandonando a do Rossio o papel de Estação Central.

A partir de 1964, durante dois anos, com a intervenção do Gabinete de Planeamento e Arquitectura Carlos Ramos, sofre uma remodelação profunda e é equipado com a última tecnologia, conservando o estilo da sua época. As paredes estão cobertas por painéis de tons suaves e dourados, os tectos “incendeiam-se” de luz com lustres de cristais e as cadeiras são forradas a brocado. A escadaria imponente que liga os seis andares recorda o vai-vem palaciano de outrora. A harmonia rivaliza com o requinte.

Centenário, o hotel foi evoluindo e conseguiu ultrapassar a qualidade original. Hoje o hotel dispõe de 82 quartos, dos quais 20 são suites, sendo uma presidencial. As suites são amplas e estão decoradas por época: Luís XV, Luís XVI, D. Maria, D. José, Império e Colonial inglês. Os quartos vestidos com cortinados e colchas combinadas enchem-nos de conforto.

Uma das últimas aquisições do *Palace* foi o Salão Palace. Na remodelação de 1998, Lucien Donnat transformou o antigo saguão num espaço requintado dominado por um vitral, destacado pelos brocados vermelhos que revestem as paredes e pelos longos cortinados de veludo do mesmo tom que abraçam as janelas. O bar, mesmo ao lado, convida-nos ao sonho e à diletância. Cada metro quadrado daqueles tem uma história para contar.

O Salão Nobre, no segundo piso, com cerca de 130m², decorado em tons de azul e dourado, em estilo clássico, já fez história na cinematografia internacional. “O Conde Monte Cristo”, “Passagem por Lisboa” e “Chain Reaction” foram ali rodados.

O restaurante, com paredes forradas a carvalho maciço e cetins, tem uma vista privilegiada para a Avenida da Liberdade e Praça dos Restauradores. Dotado de todos os quesitos para oferecer eventos requintados, disponibiliza o serviço de pequenos almoços, banquetes e refeições para grupos.

Passaram por ali espões e políticos, príncipes e conspiradores, falsários e homens de bem. Enquanto uns teciam intriga política, outros queimavam paixões e alimentavam amores impossíveis, no tédio tépido de luxo palaciano. Templo de memórias, o *Avenida Palace* tem tudo para merecer uma visita.